

Textos

Ana Carolina Martins da Silva

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 30/11/2004

Título : A literatura de Apparício Silva Rillo e a Revolução Federalista de 1893

Categoria: Artigos

Descrição: Nos dias 25 a 27 de julho, aconteceu em Passo Fundo, no auditório do SENAC, o Seminário "110 anos da Batalha de...

A literatura de Apparício Silva Rillo e a Revolução Federalista de 1893

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

Nos dias 25 a 27 de julho, aconteceu em Passo Fundo, no auditório do SENAC, o Seminário "110 anos da Batalha de Passo Fundo", promovido pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, coordenado pelo historiador Ney Eduardo Possapp d'Avila, Mestre em História, nosso confrade e professor da UERGS. Enquanto a Prefeitura Municipal de Passo Fundo rememorava a Batalha ocorrida em 27 de junho de 1894, durante a Revolução Federalista, no Campo dos Mello, distrito do Pulador, inscrevi a presente comunicação, somando àquelas homenagens e estudos, a figura do poeta Apparício Silva Rillo, que também deveria receber homenagens póstumas durante a semana, visto que seu falecimento data de 23, e seu sepultamento, de 24 de junho de 1995.

Proximidade nas datas, semelhanças nos sentimentos: vida e morte. Fatos naturais que só se transformam em atos grandiosos em função das pessoas e circunstâncias que os envolvem.

O presente trabalho, portanto, teve como objetivo ilustrar aspectos da literatura do Rio Grande do Sul, especificamente a de Apparício Silva Rillo, principalmente no que tange a sua poesia "Colorada" que se refere a um dos pontos abordados no Seminário: a Revolução Federalista de 1893 que, entre outros, tinha por objetivo principal estabelecer um sistema federativo parlamentarista, capaz de dar maior autonomia aos estados, em resposta ao excessivo controle exercido pelo governo central do Brasil. Naquela ocasião, a degola (chamada de "gravata colorada") foi a forma escolhida para a execução dos prisioneiros. Ao todo, esse embate deixou um saldo de mais de 10 mil mortos. De um lado, estavam os republicanos, chamados "pica-paus". De outro, os federalistas, apelidados de "maragatos".

Silva Rillo: O homem e sua literatura

Para Luiz Antônio de Assis Brasil, obras no estilo desta, de Silva Rillo, fazem parte de uma literatura diferenciada - a do Rio Grande do Sul. Uma literatura que gosta de visitar o passado de seu povo, de tentar entendê-lo, de amá-lo como é. Diz o grande escritor e romancista gaúcho: "Pensemos na Literatura, que é nossa forma privilegiada de pensamento: não fosse O Tempo e o Vento, o Rio Grande não seria o que é; à falta de uma longa História (diferente do Nordeste, que nos ganha em dois séculos), que nos daria uma identidade cultural, a Literatura se encarregou, desde os primórdios, de estabelecer quem somos."

A essência de nosso povo tem sido cantada em prosa e verso, exaustivamente, porém, nem sempre sendo fiel à verdade histórica, nem sempre colocando em pauta protagonistas importantes como os soldados anônimos, as crianças, os escravos, a natureza. A vida de nosso estado tem sido retratada, muitas vezes, como uma conseqüência de guerras chefiadas por grandes comandantes, como se a sociedade, como se cada indivíduo com sua existência singular, estivessem plenamente integrados a elas, a serviço destas guerras. A literatura gaúcha buscou, através do tempo, definir esta essência, ora pendendo à construção do mito idealizado do Gaúcho, ora à dessacralização desse mito. Segundo Fischer (1999), no caso das narrativas, no período entre 1870-90, o principal catalisador foi a Sociedade Partenon Literário, cuja principal questão abordada era a definição do gaúcho enquanto identidade, havia a busca do mito fundador. A partir de 1910, nas próximas décadas, até a década de 80, as obras foram procurando non Literário foi fundada em 1868, na cidade de Porto Alegre, e congregou importantes nomes da época no campo das letras e da cultura, como: Caldre Fião, Carlos Von Koseritz, Apolinário Porto Alegre, Múcio Teixeira, e trouxe uma definição da identidade regional na poesia culta. Essa sociedade acabou em 1885, porém, desempenhou um papel central na cultura da época, uma vez que contava com sócios em quase todas as cidades do interior, dando ênfase à participação social do literato, na busca pela significação da vida e da liberdade.

Seguindo os modelos estéticos nacionais, além do romantismo, do simbolismo, do modernismo, entre 1900 a 1950, a poesia no RS começou a fazer registros críticos da vida urbana, integrar o urbano e o regional, em perspectivas existencialistas. Afinal, a partir de 1960, os temas regionais começam a ser revistos de forma crítica e amarga. Os anos 70 a 90 trazem uma busca de liberdade e aproximam-se de forma muito intensa da canção

popular. Na atualidade, vemos a nossa poesia em uma tentativa de inserir-se no mundo, é o poeta - ser planetário que pensa, age, sente e escreve, num jeito sulista, particular de ser. Há uma busca da cidade e seus temas, do excluído e seus temas, do antigo e seus julgamentos.

Apparício Silva Rillo representa uma leva de poetas gaúchos que, independente dos tempos em que viveram, passearam por diferentes tipos de expressões artísticas: poesia, ficção, folclore e história, teatro e música. Buscando, sempre, este elo "entre o ser e o ter sido", que para ele significava "ser a rama que brotou (dos avós) para dar sombra aos que virão de nós".

Este escritor nasceu a 8 de agosto de 1931, em Porto Alegre, embora seu registro civil de nascimento tenha sido efetuado na cidade de Guaíba, o que fez com que alguns de seus documentos pessoais apontassem Guaíba como seu local de nascimento. Viveu boa parte de sua juventude na capital, para onde foi mandado a estudar, em 1947, com menos de dezesseis anos. Já adulto, casado, transferiu-se para um distrito rural de São Borja, a seiscentos quilômetros de Porto Alegre, para assumir uma vaga como contabilista num grande empório comercial situado na, então, vila Nhu-Porã (Campo Lindo, em guarani). Dessa forma, a dez de outubro de 1953 (dia do padroeiro de São Borja) Silva Rillo descia do trem na estaçãozinha de Nhu-Porã. Depois disso, não quis mais abandonar o interior do estado. Em setembro de 1958, mudou-se para a sede do município de São Borja. Cidade que lhe concedeu, em 1982, no tricentenário de sua fundação histórica, o título de Cidadão São-Borjense. Em meados de 1959, a Editora Globo lançava sua primeira obra, Cantigas do tempo velho, com ampla recepção pública, tanta, que o livro, durante várias quinzenas, foi o mais vendido na Livraria do Globo, em Porto Alegre.

O talento de Silva Rillo agraciou-lhe com uma cadeira na Academia Rio-Grandense de Letras, em 1981, além de um sem-número de títulos, láureas e prêmios – dentre os quais é importante destacar o Prêmio Ilha de Laytano, em 1980, conferido a Já se vieram! - tradição, folclore e a atualidade da canchareta no RS, editada pelo Instituto de Tradição e Folclore do Estado do Rio Grande do Sul e considerada a mais importante obra sobre assuntos do Rio Grande do Sul lançada naquele biênio. Silva Rillo também se destacou como compositor de música nativista, vencendo festivais como a Vigília, a Vindima, a Califórnia e o Festival da Barranca, criado em São Borja por ele e seus parceiros do grupo musical Os Angüeras. Com Os Angüeras, ele fundou também o museu folclórico mais importante do estado, o Museu da Estância. A criação de Rillo está integrada aos discos dos músicos, seus parceiros e amigos, como: Mário Barbará, Luiz Carlos Borges, Vinícius Brum, José Bicca, Cenair Maicá, Pedro Ortaça, Noel Guarany, entre outros. E aos festivais gaúchos, dos quais ele venceu vários, depois da Califórnia, com Era Uma Vez, Xote do Sul, Vidro dos Olhos e Colorada – a estrela desta comunicação. Para tristeza profunda de todos nós que o amávamos, Apparício Silva Rillo faleceu em São Borja, em junho de 1995.

Silva Rillo: Colorada e a sua relação com a Revolução Federalista de 1893

Do tema dos bons tempos que não voltam mais à preocupação do horário do operário; da poesia narrativa à poesia essencialmente simbolista; do monarca das coxilhas ao gaúcho a pé, este escritor marcou seu tempo pela poesia elegante e versátil, transitando entre o testemunho e o rompimento. A construção de Colorada assemelha-se à própria arte a que se refere: é o talho certo, preciso, o estilo Silva Rillo.

Na primeira estrofe do poema, o autor faz uso de um artifício terrível. Chama o leitor para assistir ao momento da morte. Mais que um chamamento, dá uma ordem, usando a expressão: Olha... como um susto, uma ameaça. Porém, longe de estar apenas atento aos aspectos estéticos da palavra, o poeta constrói os versos com base na ciência. Para a degola era preciso uma faca bem afiada, o que garantiria que o processo fosse rápido e mortal. A alusão à garganta faz referência direta ao tipo de pena decretada e ao medo que se instalava, o famoso nó na garganta. Quando menciona o talho certo e o sangue que se levanta, também está amparado no ato em si. Segundo Letti (1993): o degolador se esmerava em executar a tarefa com perfeição "(...) uma vez contido, encostava a faca na ponta do nariz do prisioneiro, que instantaneamente elevava a cabeça, sendo então a afiadíssima lamina introduzida agilmente no pescoço, incisando horizontalmente as estruturas da área supra-hióidea, de orelha a orelha". Percebe-se então, que a palavra certo apresenta duplo sentido: certo porque bem feito e certo porque, para o inimigo, não havia outra alternativa:

Olha a faca de bom corte,

Olha o medo na garganta!

O talho certo é a morte

No sangue que se levanta.

Na segunda estrofe, o poeta usa as cores dos lenços inimigos para ilustrar a cena da degola. O lenço branco representava os republicanos, os "Pica-Paus". O fato, portanto, do lenço branco ficar com a cor rubra do sol-pôr, pode apresentar dois significados: a vitória inimiga, trocando a cor do lenço para a sua, a partir do sangue da vítima. Ou, a partir da comparação com a cor do melancólico fim do dia, faz uma alusão antiga, retomada com maestria: o dia como a vida, e o crepúsculo vespertino como a decadência, o declínio, a morte.

Já o lenço vermelho, que poderia ter sido referido pelo autor, simplesmente como "vermelho", é chamado "colorado", numa alusão à origem do termo "Maragato" (S.A.), que estaria do outro lado da fronteira, no Uruguai. Segundo Moure, o termo tinha uma conotação pejorativa atribuída pelos legalistas aos revoltosos liderados por Gaspar Silveira Martins, que deixaram o exílio, no Uruguai, e entraram no RS à frente de um exército: "Como o exílio havia ocorrido em região do Uruguai colonizada por pessoas originárias da Maragateria (na Espanha), os republicanos apelidaram-nos de maragatos, buscando caracterizar uma identidade estrangeira aos federalistas." A alternância dos dois lenços, no papel de vítima, representa a bipolarização de forças políticas daquela época, bem como o fato de que a violência não era propriedade de um só dos lados, mas uma prática de ambos.

Onde havia um lenço branco

Brota um rubro de sol-pôr.

Se o lenço era colorado

O novo é da mesma cor.

A terceira estrofe faz referência ao sistema utilizado na degola. Sistema que exigia que o prisioneiro estivesse amarrado, ou, o que muitas vezes acontecia, ferido. Matar um homem dessa forma não era uma maneira digna de se ganhar uma guerra, principalmente para o mito do gaúcho, acostumado a bradar valentia. A degola era um ato vil, frio e covarde. Por isso que: quem mata é bandido, quem morre é herói e, principalmente por

isso, que o fio que dói em quem morre, na mão que abate, não dói. Ou seja, o matador não estava em posição de luta, de risco. Ele estava na posição de carrasco, de dono. A palavra abate lembra a morte dos animais para uso da carne, do couro. O homem, imobilizado nas mãos do degolador, perdia a condição humana, estava comparado a um animal.

Quem mata chamam bandido.

Quem morre chamam herói.

O fio que dói em quem morre

Na mão que abale não dói...

A quarta estrofe dá o relato do tipo de guerra à qual o poeta se refere. O famoso slogan da "Guerra entre irmãos" aparece em bom linguajar gauchesco, assim como a imagem do mercenário, muito comum naquela época, embora não tão contada em versos, contratado para lutar de um lado ou de outro da guerra.

Era no tempo das revolução,

Das guerra braba de ermão contra ermão.

Dos lenço branco contra os lenço colorado,

Dos mercenário contratado a palacão.

Embora a quinta estrofe pareça bem compreensível para nós, em nosso tempo, fazendo lembrar a presença das eleições fraudulentas, em que se usava nomes de pessoas falecidas para garantir mais votos a determinados candidatos, neste trecho da obra de Rillo há um pouco mais de profundidade. A referência aos mortos governando os vivos vem da filosofia positivista, uma das inspirações do líder republicano, Júlio de Castilhos, ironicamente morto durante uma cirurgia realizada por Protásio Alves, em função de um câncer na garganta, em outubro de 1903. Castilhos possui, em seu túmulo, que se encontra na ala central do Cemitério da Santa Casa, entre muitos símbolos positivistas, como o escudo do RS e o lema Ordem e Progresso, uma pirâmide, cm cujo centro está o lema positivista: "Os vivos serão sempre e cada vez mais governados pelos mortos", como cita Beilomo, em seu texto "Revolução Federalista & Arte Funerária".

Era no tempo que os morto votava

E governava os vivo até nas eleição.

Era no tempo dos combate a ferro branco,

Que fuzil era mui pouco e era escassa a munição.

Na estrofe final, o poeta explicita do que fala. Realmente, é da degola, prática tão usada na Revolução Federalista, esta página sangrenta e triste de nossa história, que precisa ser estudada, para que nunca mais a faca supere a força da palavra, para que nunca mais se repita, nem com lenços brancos, nem com lenços vermelhos, tampouco com lenços verdes. O verso final lembra um ditado popular muito usado na época para definir a revolução: Dois leões no mesmo capão", segundo o Dr. Lauro Pereira Guimarães, estudioso daqueles tempos.

Era no tempo do "inimigo não se poupa",

Prisioneiro era defunto e se não fosse era exceção.

Botavam nele a "gravata colorada"

Que era o nome da "degola" nesses tempos de leão.

Ao comentar o cerco à Lagoa Vermelha, Branco cita a poesia Colorada de Rillo, musicada por Mário Barbará, como um exemplo fiel dos importantes combates acontecidos naquela região. Segundo ele, a “pacata vila, então com apenas oito ruas, viveu dias de pânico e angústia, mas viu exemplos de coragem e fibra, com federa- listas e republicanos defendendo com brio suas idéias”. A poesia de Silva Rillo, entretanto, não se perde em idolatrias ã violência, ou em retóricas ricas na forma e vazias no conteúdo. Colorada aponta a inutilidade da guerra, visto aue era entre irmãos: aponta a relatividade dos ideais, pois os heróis tratavam-se, em muitos casos, de mercenários. Assinala a frieza e a covardia da gravata colorada e a fragilidade do heroísmo, pois no tempo das revolução, a cor do lenço não fazia diferença na hora da morte. Nesta, diferentemente do que na vida, todos os homens eram iguais.

A OBRA

POESIA

Cantigas do Tempo Velho (Globo, 1959)

Viola de Canto largo (Kunde, 1968)

São Borja, Aqui Te Canto (A Notícia 1970)

Caminhos de Viramundo (Martins, 1979)

Pago Vago (Martins, 1981)

Itinerário de Rosa (Martins, 1983)

Alma Pampa (Martins, 1984)

Doze Mil Rapaduras & Outras Histórias (Tché!, 1984)

30 Anos de Poesia (Tché!, 1986)

FICÇÃO

Viagem ao Tempo do Pai (contos) (Martins, 1981)

Rapa de Tacho (causos) Rapa de Tacho 2 (causos) (Tché!, 1983)

Rapa de Tacho 3 (causos) (Tché!, 1984)

Dois Mil Dias Depois (contos) (Tché!, 1985)

O Finado Trançado (novela) (Tché!, 1985)

Boca do Povo (causos) (Tché!, 1987)

Rapa de Tacho 4 (causos) (Tché!, 1988)

Rem-rem da Faca na Pedra (contos) (Tché!,1990)

Os Calos Cantarão (novela) (Tché!, 1992)

FOLCLORE E HISTÓRIA

Já se Vieram! - História, tradição, folclore e atualidade da cancha reta no RGS (IGTF, 1978)

São Borja em Perguntas e Respostas (Argraf, 1982)

TEATRO

Domingo no Bolicho (primeira montagem em 1957) !

João Gaudério a João Peão, Vida e Paixão (primeira montagem em 1970)

Bibliografia citada

BELLOMO, Harry Rodrigues. Revolução Federalista & Arte Funerária. In op.cit. Pág. 6 7-72. BRANCO, Pércio de Moraes. O cerco a Lagoa Vermelha. In op. Cit.

FISCHER, Luís Augusto. Para fazer diferença. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. Pág. 83.

LETTI, Nicanor. A degola. In FLORES, Hilda Agnes Hübner (org) Revolução Federalista - Estudos. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1993. Pág. 81-88.

MOURE. Teimo Remião. História do Rio Grande do Sul - Origem dos Termos Chimangos e Maragatos. Editora FTD S.A.

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 31/12/2003

Título : Civilização

Categoria: Poesia

Descrição: O índio na beira da estrada vendendo balaio

Civilização

O índio na beira da estrada

vendendo balaio

é tão triste quanto

o pássaro nativo

cativo
que ele também oferece.
Dois recortes da colonização.
Um irmão vende o outro
para sobreviver,
enquanto os dois,
vão morrendo aos poucos
na miséria, no álcool,
no cárcere do asfalto,
sanga de pedra
que singra
que sangra
esta nação.

Da revista
Água da Fonte nº 0

Data : 30/06/2007

Título : Comício de espíritos

Categoria: Artigos

Descrição: Costumo dizer para meus alunos que eu não poderia ser outra coisa que não fosse professora, pois eu nasci em uma escola.

Comício de espíritos

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

Costumo dizer para meus alunos que eu não poderia ser outra coisa que não fosse professora, pois eu nasci em uma escola. Meu pai era professor de uma escola agrícola

em São Borja e, em 1964, nasci em uma casinha que ficava no pátio da escola. Nasci - à força - diga-se de passagem. Minha mãe conta que era um frio de rachar e que a parteira passou à noite em função, me puxando e eu agarradinha a uma das costelas de minha mãe. Talvez soubesse de algumas coisas que me esperavam neste mundo de Deus. Nasci junto com a ditadura militar no Brasil. Bem, mas eu falava sobre ser professora de dentro para fora. Adoro quando encontro meus alunos, crescidos, realizados na vida, parece que a coisa é comigo. É pessoal.

Outro dia me aconteceu algo muito bom. Foi quando minha irmã, que mora em Porto Alegre, me mandou um e-mail com um recado: "Os Angüeras estão com uma página na internet. Saiu na Zero Hora uma reportagem sobre o ZéBieca." Para quem não conhece os Angüeras, visitar a página é uma boa pedida, quem conhece sabe que é um dos Grupos Amadores de Arte mais importantes do RS. Miguel Bieca. ZéBieca. Apparício Silva Rillo, Mário Barbará Dornelles, nomes que, para quem c de São Borja, são ditos em pé, são alguns dos nomes importantes dos Angüeras. Pois, acessei a página. Isso foi em maio. Desde lá, tenho passado por uma experiência que apenas o amor mais profundo pode explicar. Os Angüeras foram os Beatles da minha geração. Eu acho que nunca coleí pôster na parede porque eles nunca o fizeram. Um dia, levei umas poesias minhas para o Rillo ler. Nunca tremitando na minha vida. Olhos e mãos. Olhos e mãos. É a imagem mais marcante que tenho dele, pois era isso que me dava. Com os óculos na ponta do nariz, me olhava por cima eia falando sobre os poemas, corrigindo, mandava fazer de novo. Para mim, era JohnLennon! Era JohnLennon. Fui tomada de um amor. A poesia saía e se desdobrava e ele colocava aquilo que faltava e depois saía na Folha de São Borja. Eu só pensava nisso. Muito tempo se passou, vim para Passo Fundo e perdi o contato com Silva Rillo. Continuei achando que era poeta e escrevendo coisas. Disse isso na página dos Angüeras. Deixei poemas e recados. E foi de lá que me fez contato, Lucas Bieca. Entendendo seu sobrenome aqui como adjetivo, lembrando a qualidade da pessoa de sua mãe: Magda Bieca e da pessoa de seu pai: Zé Bieca.

Ainda tenho umas fotografias que tirei da sua turminha de quarta-série, no Colégio das Irmãs, em São Borja. Como eu era feliz. Aquelas crianças tinham a mesma paixão que eu pela alegria, pela vida, pelas histórias. Tenho uma fotografia com eles vestida à caipira ! Era isso que eu era. A palavra caipira, vem do tupi, significa tímido, envergonhado.

Quando fiz meu exílio voluntário, estas coisas ficaram em minha memória. Do Rillo, os olhos, por sobre os óculos, as mãos, finas e brancas, escrevendo no papel, e uma coisa que ele me disse: "Ana Carolina, tu não és uma poetisa. A palavra poetisa te deprecia, vou te chamar de poeta!" Não sei se ele falou de verdade, ou se por cortesia. Não sei se ele falou para mim e para todos os outros poetas que o procuravam mostrando suas criações. Mas eu nunca mais esqueci e, longe de casa, quando eu me parava em nada, perante esse mundo enorme, cheio de maldade, morte, corrupção, destruição da natureza, quando eu pensava que aqui não era lugar para mim, eu pensava: "Ana Carolina, não te deprecia, tu és uma poeta". Vou a São Borja, periodicamente, ver meus pais. Nos últimos três anos, fui tão rapidamente que não pude ir ver o Rio Uruguai.

Por que conto isso, sobre o Lucas? Porque me chegou pelo correio um presente dele: Comício de Espíritos. Um bilheteinho curto, assinado "Do eterno aluno". Lucas, como te explicar? Paulo Freire diz que "Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, as pessoas se educam no coletivo".

Parei tudo e assisti: Comício dos Espíritos: o documentário sobre o 32º Festival da Barranca. E inacreditável isso. Desde que fui até o site dos Angüeras estou vivendo a poesia. Estou voltando para São Borja dentro de mim e dentro desta São Borja que em

mim se descortina, estou voltando para dentro de mim. Assistir o DVD me trouxe uma porção de emoções. Ver o Rio Uruguai, aquela função de acampamento, (eu e meus irmãos crescemos pescando com meu pai, mesmo depois de adultos e casados, quando nos reuníamos em um grupo maior, já avisávamos para o meu pai, arruma uma pescaria para nós. E quando chegávamos, ele tinha feito um caniço para cada neto.)

Comício dos Espíritos é um excelente trabalho, um excelente registro de um momento cultural fundamental para o Rio Grande do Sul, mais do que isso, ele está bonito e bem feito, soma os depoimentos com os cenários, tudo compõe texto. Tudo verdadeiro, a lua, a chuva, o rio, a natureza toda como protagonista. A barranca do rio como protagonista. Sem vaidades, com franqueza. O documentário feito por Lucas Bieca e Maurício Coppeti é franco, claro, muito bonito. Estes jovens fizeram uma obra de arte, porque só a arte de verdade pode fazer isso, trazer a emoção dos livros, das músicas, da amizade, como se estivéssemos ali. Acho que o trabalho é fundamental por registrar a trajetória dos Angüeras que, com humildade, foram os artistas mais completos que já surgiram neste estado e que continuam, num tempo de violenta globalização e descaracterização e marketing, fazendo arte, sem olhar para a câmera, antes disso, olhando para os amigos para o rio.

Visite: www.angueras.com.br

São Borja

São Borja - barco de loco

solene, perene.

No passo, o sol - barca e porto

Céu preto e laranja pras bandas

Do rio.

São Borja,

Retorno eterno e minha mãe de mel e água.

Memória viva da vida do Rio Grande do Sul.

Passado que não passou,

ficou,

fluiu.

São Borja, ser tua é ser diferente.

De ser de toda gente.

E ter um a mais para contar.

E um saber escutar - assuntando na beira do Uruguai.

São Borja. costeira, me perdoa, mãe missioneira.

Perdoa e acolhe a saudade de tua filha que partiu.
Fui buscar fogo, minha mãe adorada, mas. que nada,
O fogo era a vida aprontada me esperando do outro lado da ponte
Do Icamaquã.

Uma vida de armadilhas e grilhões, alegrias e solidões.
Uma vida, minha São Borja, que nunca mais me largou.
Espero um dia,
Quando desia libertada, possa eu descansar no teu ventre,
Voltada para ti.
Ser purificada por tuas vertentes.
Assimilada pelo teu barro vermelho.
Comunhão.

Espero que um dia. quando eu ganhar alforria.
Eu possa voltar
Com o tal fogo que fui buscar congelado no meu coração,
Para depositá-lo todo dentro de ti,
Como meu derradeiro pedido de perdão.

Exílio que não medi.
Exílio que não percebi.
Exílio que nunca mais acabou.

(Ana Carolina Martins da Silva é membro da Academia Passo-Fundense de Letras,
Cadeira n° 17, de Emani Guaragna Fornari.)

Da Revista
Água da Fonte n°5

Data : 31/12/2003

Título : Duas grandes emoções na Jornada de Literatura

Categoria: Artigos

Descrição: Além de contato com a grande literatura, a 10ª Jornada Nacional de Literatura, promovida pela UPF e...

Duas grandes emoções na Jornada de Literatura

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

Além de contato com a grande literatura, a 10ª Jornada Nacional de Literatura, promovida pela UPF e pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, cujo tema deste ano foi: Vozes do terceiro milênio: a arte da inclusão, proporcionou-nos momentos de grande emoção. Para começar, no dia 26/08, na abertura, tivemos pela primeira vez a presença de um Ministro de Estado na Jornada: O Ministro da Educação, Dr. Cristóvam Buarque, falou o que queríamos ouvir: melhora na educação, melhora na qualificação dos professores, inclusão e mais inclusão. Foi bom ouvi-lo, dissipou um pouco aquelas críticas maldosas que têm cobrado 500 anos em um, do Presidente Lula.

Emoção I

Ainda neste dia de abertura, tivemos a palestra com Roger Chartier abordando "A leitura no contexto do século XXI". Ele comentou aspectos gerais da origem do livro (enquanto objeto e enquanto valor), fez algumas considerações sobre os passos que a leitura tem percorrido: palavras em manuscritos, em impressos e em versão digital, ou seja, a influência da informática na mudança de hábitos de leitura. Além dessa visão histórica, citando datas e similares, ele citou o grande desafio que nos ronda, que é a inclusão das pessoas num mundo cultural globalizado, sem que percam sua identidade cultural própria. Ilustrou estes comentários com a questão do idioma. Segundo ele, mais de 50% do domínio da cultura digitalizada está no idioma inglês, mais especificamente, aos cuidados dos EUA. Isto é perigoso, pois, ao absorver a tecnologia e as informações, o leitor absorve também o modelo cultural de forma implícita. Sua palestra foi interrompida devido ao tempo, pois era dia de abertura e a solenidade se estendeu um pouco, mas, em síntese, a preocupação manifestada por ele foi esta. Já em sua palestra no II Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio, promovido pela Universidade de Passo Fundo, Brasil, e pela Universidade de Extremadura, Espanha, cujo tema foi "Mitos e Tradiciones Populares, lecturas abiertas para el siglo XXI", o pesquisador, considerado por muitos, como um dos maiores especialistas na história do livro e da leitura, atualmente Diretor de Estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, abordou o tema Mitos e Tradições populares, citando muitas passagens de Cervantes, no D. Quixote.

O estudioso francês comentou que a literatura não apenas conta, mas ela também julga. D. Quixote acusa Sancho de ignorância ao ouvir seus "causos", como se a Literatura escrita fosse a verdade oficial e a do povo, mentira. Ao passo que a do povo, em geral, é

a legítima. Chartier ainda citou algumas contradições, no que tange à leitura, e fez reflexões sobre elas. A saber:

1. A construção de um novo público leitor. Segundo o pesquisador, assim como o aumento de leitores, o de leitura amplia a cosmovisão das pessoas, massifica o conteúdo, a informação. Como se o escrito matasse o oral. Ressaltou a importância de se separar o que é literatura e o que é mercado. Fez um passeio pela origem do livro e contou que, no princípio, a palavra viva era a verdadeira, a escrita era a corrupção disto. A boa literatura então deve transitar pela ficção sempre deixando uma margem para a pergunta: mas será que seria possível isto acontecer de verdade? Unindo o prazer de querer crer e a dúvida.
2. Legitimidade e falsidade na produção dos textos. Citou que alguns autores tentam escrever como o povo, mas usam metáforas e palavras que o povo jamais usaria, assim como fazem uso de valores que o povo não faria; ressaltando, portanto, a importância do original.
3. Contextualizar a literatura. Abordou a literatura como registro de seu tempo, sua estética, seu mundo. Ressaltou a importância de se contextualizar sempre a obra na sua própria época, para poder absorver com mais intensidade o seu conteúdo, inclusive, podendo assim verificar sua legitimidade.

Leitura obrigatória para nós, que amamos as letras, Chartier vem respaldar uma tendência da maior parte das pesquisas em leitura e literatura: localizar a verdadeira identidade do povo, através de seu patrimônio cultural registrado em seus contos populares.

Para conhecer melhor Roger Chartier, busque, entre suas tantas obras:

1. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESp, 1999.
2. Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

Emoção II

À noite, primeira oportunidade em que o público da Jornada ficou absolutamente em silêncio, em muitos anos, Frei Betto falou sobre aspectos de inclusão social na América Latina, Fome Zero e sobre a importância da literatura como elemento de resistência e libertação do indivíduo e do povo. Acabou-se por concluir que ele realmente pode ser um homem santo, nos moldes que o mundo costuma proclamar. Sua fala de libertação e a favor dos pobres e sofrendores de violência ficou entre a poesia e a fala sagrada. No dia seguinte, 27/08, antes do debate sobre "Violência X Cidadania", Frei Betto foi novamente pontual e brilhante, nos moldes que já expus acima. Um aparte importante e justo, é comentar sobre Marcelino Freire (FREIRE, Marcelino. Angu de sangue. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000) que, como os outros autores, apresentou, ilustrando com sua obra, a literatura como testemunha e grande fonte de protesto e denúncia da violência, bem como de apoio à cidadania. Usando uma fala escrachada, como se apresenta em seus trabalhos, disse que fala assim porque denuncia coisas graves e tristes e que não achava certo ficar enfeitando o que é terrível. Leu um de seus contos e encantou a todos.

Porém, voltemos a Frei Betto. Para quem quer conhecê-lo melhor, bem como as suas idéias, pode começar por um livro chamado O vencedor (Frei BETTO. O Vencedor. São Paulo, Ática, 2003). Este, conta a história de um casal que, muito jovem, sem querer: acaba envolvendo-se no perigoso mundo do tráfico de drogas, como usuário, por algum

tempo. Mais maduros, achando que tudo havia passado, ambos começam a ter uma vida sadia, mas o tempo vem cobrá-los das atitudes passadas. O filho mais velho envolve-se com drogas e leva a família à ruína financeira e a um sofrimento intenso, embora, em paralelo, este transtorno os faça pessoas melhores, mais dedicadas umas às outras e, principalmente, os faz pessoas honestas.

A história de Frei Betto tem tudo para não dar certo como literatura. Traz cenas de seriado de TV, cenas de high society bem a gosto das famosas novelas das oito e, para completar, um tema quase vulgarizado, posto que vende muito: as drogas.

"Do bolso interno do paletó, Lucânia puxa a carteira de couro italiano. Abre o zíper dourado e pinça um pequeno papel muito bem dobrado. Estende-o a Mário. Do outro bolso tira um caderninho e um lápis, risca o número 12 ao lado da letra M e escreve "13" "(...) – Beleza, já me seguro bem esta noite - exclama, refazendo as dobras de papel. Guarda-o no bolso e muda de assunto. - E o nosso esquema, tudo na moita?" (pág. 10).

"No recreio do colégio Boston, Pedro aproxima-se de Clara.

- Onde posso descolar um baseado? (...)

- Sabe, o pipoqueiro que fica do outro lado da rua, junto à banca de jornais? Peça pipoca sem sal.

- E quanto é?

- Nada, o cara pirou. Deve ter plantação de maconha no fundo do quintal.

À saída, Pedro dirige-se ao pipoqueiro indicado.

- Tem pipoca sem sal?

- O homem estende-lhe o saquinho de pipoca e recebe dinheiro. Pedro come as pipocas e, no fundo, enroladas num plástico, encontra duas trouxinhas de maconha." (pág.59).

Mistura de chavões, esta obra poderia ser enquadrada como mais um texto comercial dedicado a este filão de consumidor chamado "escola", que usa os cotidianos de muitas famílias conflituadas para despertar seus alunos para o perigo das drogas, ou similares.

Seria fácil carimbá-lo como um livro paradidático, mais do que literário. Porém, ao nos reportarmos ao autor de "O Vencedor", tudo isto muda, pois Frei Betto é de verdade e da verdade. Nascido em Belo Horizonte, em 1944, estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Frade dominicano, é recebedor de diversos prêmios literários, assessor da Pastoral Operária e de movimentos populares, colabora com vários jornais e revistas. Atualmente é o coordenador do Programa Fome Zero do Governo do Brasil. Homem comprometido com as causas sociais, percebe-se que seu livro não é comercial, é sincero. Sua intenção é promover a discussão sobre as causas maiores dos problemas que afetam a sociedade brasileira e planetária, como um todo.

Lendo o texto com a consciência de que ele é para ser tido como arte e como ferramenta de transformação, este passa a ser extremamente emocionante, bem feito, bem construído. Temas como tráfico de drogas, dependência química, traumas psicológicos, carências afetivas, saem da realidade brasileira e adaptam-se perfeitamente à realidade internacional, universalizando a obra, através das experiências de Freud. A cocaína, principal fio condutor da história, acaba tendo um julgamento justo. Toda a história a acusa, mas Freud a defende: "Talvez possas imaginar o misto de apreensão, curiosidade e satisfação que sinto. Gravata branca, luvas brancas, e até camisa nova, um cuidadoso corte nos cabelos que restam, etc. Um pouco de cocaína para desatar-me a língua" (pág.115).

Com o crédito das palavras de Freud, age o principal criminoso: Mister Big.

"Prossigo em minha política de liberar a droga. Quero aplicar no ramo, vender arrogância paradisíaca em papel ates de seda, sob controle oficial, como ocorre a quem fabrica uísque no fundo do quintal. E os viciados não seriam mandados para a cadeia, e sim para as clínicas, como acontece aos alcoólatras. Para isso, conto com a venerável ajuda do doutor Freud" (pág. 156).

Loucura e ganância dominam o mundo de O Vencedor. Para Frei Betto, dominam ainda mais; a avidez pelo poder e pela ostentação. No livro deste homem santo, a coacina perde. Para vencê-la, o amor é o principal aliado. Também deixa entender que a vitória compreende: honestidade na polícia, no governo, bem como a solidariedade; fundamentais para o processo de reconstrução da sociedade e da família com paz, saúde e prosperidade.

Por Frei Betto, por Chartier, por Freire, por Nelly Novaes Coelho, por tantos outros escritores maravilhosos, pelas obras de arte, pela música, pelo teatro, pelos amigos, pelos colegas professores, encontrados pelos caminhos da lona santa da Jornada, preciso admitir: jamais seríamos os mesmos, sem ela; ou ainda, sem ela jamais seríamos os mesmos, nem os outros (novos) em que nos tornamos, a cada edição.

(Ana Carolina Martins da Silva é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, infantil e infanto-juvenil. Mestre em Comunicação Social e oficina / bonequeira de teatro de bonecos. Acadêmica da APL Cadeira nº 17, cujo patrono é Ernani Cuaragna Fornari, poeta, novelista, romancista e teatrólogo gaúcho, nascido em 1899 e falecido em 1964).

Obras de Ana carolina

- RbsING, Tania M.K. e SILVA, Ana Carolina Martins da. Práticas Leitoras para uma cibercivilização.- Passo Fundo: EDIUPF, 1999. Série Mundo da Leitura. VaI. I.
- RbsSING, Tania M.K. e SILVA, Ana Carolina Martins da. Práticas Leitoras para uma cibercivilização II: 500 anos de Brasil: memórias que nossa consciência não escolheu. -Passo Fundo: EDIUPF, 2001. Série Mundo da Leitura. Vol. II.
- SILVA, Ana Carolina Martins da. A VIOLÊNCIA no âmbito da série Vagalume In RbsING, Tania M.K. (ORO.) Da violência ao conto de fadas: o imaginário, meninos de rua, meninos de escola e adultos desescolarizados. -Passo Fundo: EDIUPF, 1999. Série Mundo da Leitura.
- SILVA, Ana Carolina Martins da. Um ipê no coração. -Passo Fundo: Aldeia Sul,1996.
- SILVA,Ana Carolina Martins da. Piedade: Ponte ou Muralha? -Bento Gonçalves: Grafite, 2001.
- SILVA, Ana Carolina Martins da. Poesia do Brasil In Antologia (org) Ademar Antônio Bacca. -Bento Gonçalves: Grafite! Projecto Cultural Sur: 2002.
- SILVA, Ana Carolina Martins da. A Pedagogia do Teatro de Bonecos - um caso acontecido em Passo Fundo. -Passo Fundo: Aldeia Sul. (No prelo).

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 31/07/2005

Título : Idalécio Vitter Moreira e a literatura regional

Categoria: Artigos

Descrição: Um dos indicadores desta identidade é a resistência do homem da campanha na invocação dos objetos de trabalho ou de lazer.

Idalécio Vitter Moreira e a literatura regional

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

O II Seminário de Literatura - Autores Regionais foi um evento integrante do III Colóquio de Integração Acadêmico-Científico-Comunitário e II Mostra de Iniciação Científica, promovidos pelo Diretório Acadêmico Paulo Freire, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), na unidade de Vacaria. O Seminário aconteceu no dia 25 de novembro de 2004, com mesa-redonda seguida de debates, sobre "A importância do escritor local". Estiveram presentes autores, de Bom Jesus: Lucila Sgarbi; de Ipê: Miguel Zelmar Paim e Paulo Édson Paim; e de Vacaria: Susana F. Minuzzo e Maria Neli Ferreira Borges. Este evento foi seqüência de um outro de mesmo tema, o I Seminário de Literatura - Autores Regionais, acontecido em abril de 2003, que contou com a participação dos autores: Cleber Pacheco (Esmeralda), José Renato da Silva (Caxias do Sul), Lauro Teodoro (Caxias do Sul), Justina Leda Rigon (Ipê), Daniel Alves Boeira (Monte Alegre dos Campos), Marina Brito Boschi (Vacaria), Suzete Carmen Shio-Bernardi (Vacaria) e Idalécio Vitter Moreira, representando o município de Lagoa Vermelha.

Falecido em meados de 2004, Idalécio Vitter Moreira foi homenageado na noite do dia 25. Como parte da homenagem póstuma, foram exibidos trechos de sua palestra no I Seminário de 2003, onde, além de se apresentar, fala sobre o prazer de escrever e incentiva a continuidade e consolidação da UERGS. "A tarefa mais importante de uma universidade é escarafunchar na realidade!" disse o autor, ao elogiar a iniciativa de se efetuar os Seminários sobre a literatura regional. Na ocasião, se fizeram presentes a esposa e filhos do escritor, acompanhados do vice-prefeito do município de Lagoa

Vermelha, juntamente com sua esposa. A família agradeceu a homenagem e recebeu da UERGS uma cópia da fita de vídeo do I Seminário.

O II Seminário de Literatura - Autores Regionais, a exemplo do I, foi coordenado por mim e organizado pelo educando do Curso de Pedagogia! Anos Iniciais e EJA/VI Semestre: Edgar Bueno Silveira. A coordenação geral foi do Professor Ney Eduardo Possapp d Avila, coordenador das unidades da UERGS - Vacaria/Sananduva e membro da APL.

Idalécio Vitter Moreira e a literatura regional

Idalécio Vitter Moreira nasceu em Hulha Negra, à época distrito de Bagé. Fez o curso de Técnico Agrícola na ETA-Viamão e, após, transferiu-se para Lagoa Vermelha, onde passou a atuar como professor nesta área. Licenciou-se em Língua Portuguesa e Literatura e passou a lecionar. Frequentou - sem concluir - pós-graduação em Literatura Brasileira e também ministrou aulas de Sociologia, para o curso de Magistério.

Em Lagoa Vermelha e região participou de vários movimentos culturais, atuando, inclusive, firmemente, no Movimento PRÓ-UERGS. Com os Irmãos Nepomuceno, criou em Lagoa Vermelha o Jomal "Gazeta Popular", que circulou por 30 anos; tendo publicado também coluna semanal no jornal "Folha do Nordeste". No tocante à Literatura, publicou "Fragmento" (contos e crônicas), "A quatro mãos" e o livro "O Silêncio dos Homens"; tendo deixado por publicar "Os votos do Padre & Outras estórias".

Maria da Glória Bordini, professora, pesquisadora e escritora, integrante da equipe do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, de Porto Alegre, na apresentação do livro "Seleção dos 35 melhores contos do Rio Grande do Sul", publicado em 2003, ao comentar o critério usado por ela para escolher os 35 melhores, os divide em três seções, por temáticas subjetivas:

Honra e Decadência: São histórias que constituem ou desconstruem a idéia de gauchidade fundada nos valores épicos da honra e da lealdade, muito caros aos movimentos tradicionalistas.

Violência e paixão: Tentam mostrar que tais valores, quando inautênticos, se alicerçam em emoções primitivas, que irrompem inesperadamente para a destruição dos que as vivem ou as sofrem. São contos marcados pelo ódio, o medo, a vingança, o desamparo, o horror, não poucos vinculados aos desmandos do poder político, às trevas das ditaduras vividas no país, à degradação dos corpos e mentes.

Estranhamento e solidão: Contos híbridos - falam de reificação da vida nas cidades, do isolamento radical do moderno homem urbano, de ricos e pobres e seus pequenos, e por vezes tocantes, dramas pessoais, mas também investem em vivências absurdas, ambientes irreais, figuras da história colocados em situações improváveis.

Pois estas características, tão bem representadas na seleção de Bordini, por Simões Lopes Neto, Jane Tutikian, Josué Guimarães, Moacyr Scliar, Caio Fernando Abreu, entre outros, estão presentes nos contos de Idalécio Vitter Moreira, de Hulha Negra.

"Velho campeiro, violonista" foi um dos contos trabalhados com as turmas de Língua Portuguesa e Literatura III e IV da UERGS - Vacaria, em sala de aula, e apresentado no Asilo de Vacaria, pela turma da Pedagogia III, em janeiro de 2005, com fisicalização, canto, imagens e fantoche. Nele, o autor apresenta o velho campeiro, antes artista,

valorizado e bem de vida, numa realidade atual, cheia de fingimentos e maldades. O violonista, hoje, é valorizado apenas nos tempos de comício, quando atrai público para candidatos nem sempre honestos.

As palavras de Moreira, traduzem o estranhamento e a solidão:

"Velho, estropiado, cicatrizes no corpo e na alma, pequeno é o valor que lhe dão agora - igual aos concedidos ao restolho, às coisas miúdas. Um pouco mais de atenção em tempos de eleições, nas comiciadas, quando anima, violão e voz, o falatório sedutor dos homens, a despejarem-lhe, de inhapa, atributos que até duvida que tenha tido um dia."

Traduzem a honra e a decadência, mencionadas por Bordini:

"O velho violão. As antigas melodias. As carreiradas. Os rodeios. As farras. O campo dantes, onde pelo menos algum valor verdadeiro se tinha - campo que, de modificação em novidade, escorraçou-lhe, com outros ... "

No conto "Os meninos que jogavam pedras e palavrões", o autor revela a face da violência e paixão, para recorrer novamente ao perfil destas temáticas. O conto fala de meninos da periferia que, com raiva, jogavam palavrões e pedradas em carros luxuosos. Carros que traziam pessoas bem vestidas com donativos: roupas, calçados, cobertas, mas usavam isso para autopromoção na cidade.

"No meio deles, dias de festivas doações, mãos sedosas e perfumadas em suas perplexas cabeças, os homens se deixavam fotografar pelo fotógrafo que os acompanhava - numa aparente e passageira contrariedade; e as fotografias, destinadas a emoldurar relatórios e depoimentos esquisitos, "que lástima, minha gravata saiu torta!", dimensionavam profundos contrastes."

Mas a falsa generosidade que encobre o interesse vil da propaganda, encontra eco no mais profundo sentimento de ódio e mágoa dos meninos:

"Porém, os garotos não apreciavam aquela generosidade. (É que aquilo, indefinido, despertava uma espécie de consciência doída ... e havia mesmo o sonhado mundo dos homens, farto e bonito, esmagando, no silêncio delas mesmas, o lamento comprido e angustiado das vilas). Por isso, apenas por isso, os meninos jogavam pedras e palavrões."

Mas não é apenas nos aspectos históricos e ideológicos que reside a importância da obra de Idalécio. Analisando seus trabalhos, a partir dos paradigmas explicitados por Vieira e Boschi, em "Gaúcho: Espaço & Argumento", percebemos que o resgate lingüístico que ele faz em seus contos é fundamental para a identificação, com seus personagens pelo povo da região. Para as autoras, que construíram sua obra a partir da análise de poemas do "Concurso de Poesias Inéditas", ocorrido desde 1996, no famoso Rodeio Internacional de Vacaria, os aspectos semânticos das obras regionalistas são fundamentais para manter o vocabulário, que elas chamam de vocabulário de referência.

"Um dos indicadores desta identidade é a resistência do homem da campanha na invocação dos objetos de trabalho ou de lazer. Alguns, por força de novos inventos, tendem a obsoletizar-se; outros, ainda não encontraram competentes substitutivos: adaga, bombachas, cucharras, palheiro (...). Palavras ou expressões que, continuamente, se repetem e se completam semanticamente são encontradas na quase totalidade dos poemas: alarde, bravura, caudilho (...)."

Seus contos "Estórias de Quebracho" eram as histórias de sua preferência. Em sua palestra, no I Seminário de Literatura, o autor se confessou apaixonado por estas histórias e dizia-se tomado de um prazer imenso, ao escrevê-las. Nelas, o vocabulário de referência

aparece com toda a força. Em "Talarico", um dos episódios, o personagem homônimo está muito tenso, na espera do resultado da eleição para prefeito. Os rumores de que os candidatos estavam "taco ataco", lhe traziam grandes preocupações:

"Dessas remastigações, nasceu-lhe um cacoete: qual cavadeira, nervosa, com os dedos indicadores furingava os ouvidos, como se estivessem cheios d'água Além disso, não mais tragava o palheiro como dantes, despreocupado - agora mordía e mastigava a palha, o fumo dependurando-se no bigode avermelhado. Comia um quase-nada, beliscando no prato como tico-tico catando resto de arroz no pátio(...)."

O que é literatura? Questionamento freqüente entre os que produzem, entre os que consomem e os que estudam obras ditas literárias. Muitos autores já tentaram defini-la. Em 1853, B.Jullien, educador francês, escreveu:

"Compreende-se pelo nome de literatura a reunião de um conjunto de obras, em prosa e verso. Essa palavra significava, primitivamente, o alfabeto e a arte de desenhar as letras. Aplicava-se também à gramática propriamente dita e depois aos conhecimentos literários em geral. Finalmente, e por excelência, às obras literárias das quais se pode honrar uma nação."

Raúl H. Castagnino, catedrático da Universidade de Buenos Aires, seis vezes presidente da Academia Argentina de Letras, falecido em 1999, cita o francês, em seu livro "Que é a Literatura", e observa que esta definição exclui a visão de que uma obra é feita para agradar, recrear, ou emocionar. Este autor ainda cita que, para Freud, a literatura servia de evasão para alguns sonhadores ressentidos com o meio. Lembra Sartre, que descarta o escritor desinteressado e prega a militância definida. Este, não crê na arte pela arte: "Nós não queremos faltar em nada a nosso tempo; talvez os houve melhores, mas este é o nosso. Temos esta vida para viver, em meio destas guerras, destas crises". Para ele, literatura era compromisso.

No Brasil, mais contemporaneamente, Antonio Candido de Mello e Souza, ou Antônio Cândido, como é mais conhecido, pesquisador, leitor, crítico e observador da Literatura e da Literatura Brasileira, condensou estas opiniões, refletiu, ampliou e apresentou a seguinte definição:

"Entendemos por literatura fatos eminentemente associativos: obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda a obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma "expressão". A literatura porém é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem) e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, - para chegar a uma "comunicação".

Levando-se em consideração os aspectos da coletividade, podemos observar nos escritores que estiveram presentes nos dois seminários de literatura de Vacaria, um grande entrosamento com as coisas de sua região. O conteúdo de suas obras mostra a essência daqueles homens e mulheres, seus vizinhos e vizinhas. O que vem a confirmar as observações de Antônio Cândido, o mineiro-carioca, que tanto nos ensina:

" Assim, não há literatura, enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem sempre tenha consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que ("enforme") a sua produção e dê sentido à sua criatividade, enquanto não houver outros homens (um público) após criar ressonância a uma e outra; enquanto,

finalmente, não se estabelecer a continuidade (sua transmissão e uma herança), que signifique a integridade ao espírito criador na dimensão do tempo".

Os autores regionais encontram-se em consonância com estes conceitos. Homens e mulheres de seu tempo, com sentimentos e arte registrados em seu vocabulário próprio ou de referência. Trazer Idalécio Vitter Moreira de novo à vida, através de sua obra (especialmente estes contos aqui mencionados, que não estão publicados em livro algum, pois foram um presente do autor aos educandos em 2003) é gratificante, é emocionante, é um compromisso com a boa literatura produzida no interior do Rio Grande do Sul.

Bibliografia consultada

BORDINI, Maria da Glória. Seleção dos 35 melhores contos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, IEL - CORAG - Sec. De Estado da Cultura - RS, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. São Paulo. Cia. Editora Nacional. 1985.
CASTAGNINO, Raúl H. Que é literatura? Natureza e função da literatura. São Paulo, Mestre [ou, 1969.

VIEIRA, Iuçara M. Dutra, BOSCHI, Marina Brito. Gaúcho: espaço & argumento. Bento Gonçalves, ARTEXTO, 1986.

Webbliografia consultada <http://www.pacc.ufrj.br/Internet/umabibliografia.html>
<http://www.aal.universia.com.ar/aa1/index.htm>

(Ana Carolina Martins da Silva é Professora M.5. da UERGS e membro da Academia Passo-Fundense de Letras - Cadeira 17, de Ernani G. Fornari. Site: www.profanacarolina.art.br)

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 30/04/2006

Título : Jogos literários Erico Vêrissimo: Clarissa e Música ao longe

Categoria: Artigos

Descrição: Participar das comemorações desenvolvidas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul que, através do decreto ...

Participar das comemorações desenvolvidas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul que, através do decreto n. 43288, de 11 de agosto de 2004, estabeleceu 2005 como o Ano de Erico Veríssimo, em celebração ao centenário de nascimento do escritor, foi como se voltasse aos bancos do curso de Letras, tal a responsabilidade que senti. Responsabilidade de dia de exame final. Estar envolvida com as atividades da UERGS e dos Centros Regionais, da TVE e das escolas, ajudando a divulgar a vida e a obra de Erico, em uma gincana cultural chamada "Jogos Literários Erico Veríssimo", despertando o interesse pela leitura da sua obra e o conhecimento de sua vida, mais do que uma tarefa de trabalho, constituiu-se num desafio, tal a proporção e a magnitude deste escritor. Tal a quantidade de grandes pensadores que estudaram sua obra, bem como o próprio autor que releu e reestudou suas obras fazendo sua análise, num estilo antropofágico que, foi para mim uma gratificante tarefa participar deste estudo.

Ao ser convidada para elaborar questões para os Jogos Literários Erico Veríssimo, escolhi duas obras: *Clarissa 1* e *Música ao longe 2*. Esses dois momentos da vida de uma mocinha do interior, repletos de encantos, mistérios, angústias, representam o que muitas de nós, também mocinhas do interior, sentimos, à medida que vamos crescendo. Pode a alegria da vida surgir em meio a um ambiente hostil à ternura? O que rima com sofrimento, desilusão, decadência e morte? Angústias de uma garotinha que não é mais criança, mas também ainda não é adulta, e que tem de ser mãe e pai de si mesma, num mundo onde quem paga o preço dos erros dos adultos são os mais jovens. Os romances "*Clarissa*" e "*Música ao longe*" representam um registro grandioso do momento histórico mais significativo do Rio Grande do Sul: o início da decadência do latifúndio rural, que no caso de "*Música ao Longe*" é simbolizado pelo momento em que João de Deus hipoteca o casarão aos Gambás, seus maiores desafetos (*Música ao longe*, 1997, pp. 159-160) e o início dos latifúndios urbanos: "Eles hão de se convencer de que a tradição, o nome, os fumos da valentia não valem nada. Ainda hão de ficar sem teto para morar. Os gringos ficarão donos do quarteirão inteiro, da cidade, do município" (*Música ao Longe*, 1997, p. 230). Esse fragmento registra a troca da posse da terra a partir da mão e da força dos imigrantes. Em *Clarissa*, podemos ter o prenúncio deste impasse nas figuras do Tio Couto - que se vangloria de vir de uma família de muitos generais (associando isso à imagem de vitória), apesar de viver às custas da esposa e do Major - que também se orgulha de seus familiares generais, mas vive uma vida pacata e simplória na pensão (1997, p. 57).

Essa condição de vitória, ou pelas posses ou pela aura da guerra é transformada em declínio e enfraquecimento por Veríssimo. Segundo Vieira e Boschi (1986, p. 09.)³, a literatura gaúcha tem a tendência à epopéia, ou seja, uma literatura de ação ou de uma série de ações heróicas. Essa tendência tem traçado uma identidade particular para o homem do Rio Grande do Sul. Para as autoras, as questões de fronteira, onde o que os portugueses e espanhóis discutiam acabava se refletindo na vida do homem sulino, a ocupação das terras, as contendas com os índios, fizeram com que o binômio pastoreio-guerra acabasse sempre presente nas obras. Essa presença quase que "natural" da identidade "partoril-guerreira" beira a imagem tradicionalista cultivada em ambientes folcloristas. Porém, para o pesquisador, Dr. Tau Golin (2004, p.8)⁴, as características de sociedade ou de identidade tradicional não correspondem ao que temos no Sul. Para o autor: A primeira característica dominante de uma identidade "tradicional"- folclórica em uma sociedade moderna é a diluição da noção de tempo histórico. Cria-se o "tempo vago", ao qual se remete a origem de seus elementos. Ao se instituir como movimento cultural

organizado, essa gauchidade se apresenta como se estivesse credenciada a reproduzir valores pretensamente imutáveis forjados pelos antepassados. Melhor dizendo, há uma reelaboração do passado como o lugar de uma sociedade de tipo tradicional".

Diz Golin (2004, p.8) que a nossa sociedade não corresponde a esse tipo, pois foi uma sociedade implantada em forma de classes sociais, onde havia a figura do escravista e da propriedade privada. Para ele, os movimentos que valorizam as "tradições" gaúchas, nos moldes criados em 1947, estabeleciam um perfil gauchesco para o homem sulino, reformado depois, em 1954, com a criação do IGTF - Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, em 1961 com a Carta de Princípios e em 1968 pelo Manual do Tradicionalista. Todos documentos de manipulação ideológica com o objetivo básico de "estimular e incentivar o processo aculturativo do elemento imigrante e seus descendentes", e fizeram com que os ruralistas perpetuassem a idéia de que são as bases construtoras do estado. Segundo o historiador: A sociedade riograndense (e sua representação cultural) é conservadora e não tradicional. Os elementos da tradição reforçam e reificam ontologicamente seu conservadorismo. Ou seja, o movimento cultural tradicionalista e seus sucedâneos não se caracterizam como uma extensão de uma sociedade tradicional, mas como uma invenção totalizante de um civismo retrógrado no interior da sociedade moderna de classes.

No caso das obras - objetos desse estudo, a guerra e de um tipo onde os tiros não explodem para fora, explodem por dentro dos seres humanos a partir de suas capacidades, ou falta delas, por sua adaptação ou não aos ventos dos novos tempos. E a sociedade de classes é algo a ser quebrada, repensada, discutida, construída sobre uma diversidade cultural rica. Talvez por ter escrito seus livros antes do advento da "construção" da identidade gaúcha, Erico Veríssimo consegue forjar personagens livres, em busca de suas verdades, sejam elas dignas de serem cultuadas ou não. Em "Clarissa" e "Música ao longe", o mundo moderno luta para se compreender e para vencer o passado (representado pelos personagens dos jovens) e o mundo antigo percebe que perdeu suas chances. Percebe que seus papéis, anteriormente estabelecidos e sustentados sobre sistemas de capital, de descaso e de luxúria, estão em desuso, e que suas personalidades tão bem alicerçadas sobre a opressão e mantidas à base de compra de amizade, já não existem mais.

Irei aprofundar meu estudo em "Música ao Longe", por ser meu predileto, mas irei complementando os comentários com aspectos de Clarissa. Segundo o próprio autor, "Música" foi escrito especialmente para concorrer ao "Prêmio de Romance Machado de Assis", tendo seu objetivo alcançado: o romance foi premiado. Na obra. Veríssimo insere uma espécie de explicação para o título do Romance, em forma de poemas, nas palavras do poeta predileto de Clarissa: "O amor que ainda não se definiu é como uma melodia do desenho incerto (...) e tem o encanto fugidio e misterioso de uma música ao longe...". Porém, nele. Veríssimo vê mais do que o amor, que é seu cerne de narração. Ele retoma aspectos históricos como a Revolução Farroupilha, a ascensão financeira dos colonos, a modernidade dos serviços que as cidades oferecem, como os bailes, os cinemas, a padaria. Sem alimentar linguajares regionalistas gauchescos, o autor escreve em Língua Portuguesa urbana (não totalmente padrão), intermediando com palavras típicas da zona rural do Rio Grande do Sul, como nomes de pessoas: "Amâncio", "Olivério", "Jovino"; como nome de bichos: "João-de-barro", "rabo-de-palha"; ou como "Micuim", que retoma uma expressão indígena tupi "u-ím": família de ácaros que em sua fase larval costumam atacar o homem e os animais, causando fortes comichões. Ainda observando, os aspectos Semânticos, percebe-se o uso de alguns pronomes de forma característica: "Me. conte homem... (p. 19)", "como le vai, seu Vittorino... (p.19)", Encontramos gauchismos

também em alguns xingamentos: "bisca!" Ou expressões: "bota-se ele lá em riba" (p.66), "tudo vai à gaita" (p.68) "tome um mate" (p.68), "Eera, boi, eera boi" (p.208). Resgata ainda brincadeiras que vão se perdendo em nome, uso e construção: "diabo rengo" (p. 13), "pandorga" (p.128), "balão"(p.150).

No que tange aos aspectos ideológicos, Erico Veríssimo abre diversas frentes de discussão em "Música". A saber:

1. A visão do Rio Grande do Sul como parte do Brasil e não como um país à parte: o hino nacional é entoado na escola de Clarissa, vinculado a imagens positivas, como beleza, liberdade, céu azul. (Esta alusão ao hino também aparece no Romance Clarissa em duas ocasiões (1997, p.2 ep. 15), sempre ligada a fatos afetivo). No caso do hino do Rio Grande do Sul, a sensação é de mágoa, pois ele é cantado pelas crianças depois de toda uma preleção de Vasco sobre os horrores da guerra a Clarissa, e sobre as reflexões dela mesma, na sala de aula, ao explicar para as crianças o que foi a Revolução Farroupilha (1997, p. 221):

Olha para os alunos. Hoje eles são meninos. Amanhã serão homens e mulheres adultos, esquecidos de que estiveram juntos no mesmo banco. (...) Amanhã cada qual terá seu partido político, haverá uma guerra civil e Pedro e Heitor se encontrarão no campo, e se espicaçarão a lanças e a tiros, e lutarão com coragem e ferocidade, porque um dia, quando eles eram crianças, uma professora inconsciente lhes ensinou que matar é bonito quando se mata pela pátria, que morrer pela sua bandeira é a coisa mais sublime, a suprema glória da vida. Clarissa não vê mais os meninos. Só vê os homens. E agora na sua frente os homens se estraçalham.

Apesar dessas reflexões, Clarissa é fiscalizada pela diretora da escola e se obriga a entoar o hino com as crianças. Entretanto, quando é entoado o hino, o "20 de setembro" soa como morte e dor, não como algo para se ter orgulho.

A idéia de que o Rio Grande do Sul está dentro do Brasil, que por sua vez está dentro do mundo, não como o centro dele, mas como algo que faz parte, se espalha pelas diversas falas de Vasco, quando fala sobre seus sonhos de viagem à China, a Nova York, entre outras.

2. Visibilidade às diferentes classes sociais e as diferentes etnias que formaram nossa sociedade, mostrando o quanto ela se engrandece quando se observa e questiona pensamentos diferentes dos nossos, ao invés de simplesmente rejeitá-los: Ao irem levar mantimentos para Conca, Clarissa percebe que Vasco está pensativo. Ela pergunta a ele o que foi, ele fala que está desiludido. Ela pergunta com o quê. Ele cita alguns exemplos e se detém no caso da "pobre negrinha" (1997, p. 208):

- Você se lembra como ela era? Alegre, levada, vivaracha! Que olho brilhante, que dentuça branca, sempre arreganhada... Cresceu, casou, teve filhos e agora está aí, atirada. Qualquer dia morre, a gente bota ela num caixão barato, manda de carroça pro cemitério... e adeus, Conca! Ninguém mais fala nela. E como se tivesse morrido um cachorro sem dono... (...) - A troco de que nós estamos morando numa casa boa e a negrinha está apodrecendo num rancho do Barro Vermelho?

Esta questão da negritude é um pouco complexa nas obras de Erico Veríssimo. Em Clarissa, por exemplo, percebe-se que a maior parte dos trabalhadores é afro-descendente, como Belmira (p. 06), a babá das crianças do vizinho (p. 109), que o autor

descreve da seguinte forma: "No rosto de fuligem, as jabuticabas graúdas e lustrosas dos olhos se agitam, mais escuras ainda"; e há até um carregador de gelo (p. 13) que Clarissa encontra quando vai para a escola. O rosto de uma criança comparado com a fuligem e imagens como as seguintes: "(...) as crianças da casa vizinha. São quatro. Com Luzia seriam cinco. Mas negro não entra na conta. (p. 109)", podem dar margem a comentários de que as obras de Veríssimo eram racistas. Entretanto, se encararmos seus relatos como depoimentos, visões particulares da realidade, que podem servir como algo que não se quer mais, talvez estas passagens possam ser úteis para a discussão do tema.

Quanto às etnias, tanto em "Música ao Longe" quanto em "Clarissa", a figura do imigrante é tratada com respeito. Os italianos e os judeus em especial. Os primeiros são colocados como trabalhadores e empreendedores. Os últimos como inteligentes, estudiosos, cultos e misteriosos, como o personagem Maurício Levinsky, morador da pensão, judeu que está estudando um livro de Marx (Clarissa, 1997, p. 107).

3. Os aspectos de valentia e heroísmo ligados ao "aprender a ser gente" e não ao "parecer ser gente":

Esse aspecto de "parecer ser" é observado como uma violência, pelo Dr. Golin (2004, p. 10.), quando avalia a identidade do indivíduo que se desenvolve num ambiente de dominação ideológica, onde as diferenças procuram ser abafadas para que a classe dominante continue em seu status. Segundo ele:

Nesse quadro complexo, o tradicionalismo é uma extensão de cultura de massa, e não o prolongamento de uma sociedade tradicional. A sua força cultural, agregando elementos da pós-modernidade, como a centralidade da imagem na representação da identidade - a exterioridade volátil - potencializa ainda mais o seu comportamento estilístico, no qual o "parecer" se converteu em um dos aspectos predominantes da dimensão do ser. A escolha de "parecer-ser", conforme o arquétipo conveniado recentemente, é a condição que conecta o conservadorismo à pós-modernidade.

Embora absolutamente atuais, os comentários do pesquisador dialogam com a postura dos personagens de Veríssimo, construídos em 1933/34. Os mais antigos esforçam-se para manter a pose, inclusive à custa de mentiras, como no caso do heroísmo que permeia a família dos Albuquerque na história repetidamente contada de que: "Nesta sala já esteve D. Pedro II." (1997, p.10), desmentida mais tarde quando os jovens invadem a casa de Seu Leocádio, personagem que faz uma ponte entre o antigo e o moderno, através de suas pesquisas e achados. Ele, por ocupar o espaço da Ciência na história é quem acaba desvelando o segredo: Nunca D. Pedro II estivera naquele lugar. Há ainda o caso do tio morto por degola na Revolução de 1893, o bisavô, herói do Paraguai, e a suposta descendência da D. Urraca, rainha de Portugal. Já Clarissa e Vasco estão o tempo todo se procurando. Procurando entender as atitudes e os pensamentos dos outros, praticando a alteridade. Alguns pensamentos de Clarissa (1997, p.201):

Mas eu ainda não compreendo bem aquele diabo. Vasco conversa comigo, fala em livros, expõe as suas idéias, mas ainda há nele um mistério qualquer. (...) Papai olhou para mim e disse: "Eu já reparei que vocês andam agora muito amigos. Que história é essa?" (...) Papai é um homem incompreensível. Que mal faz eu conversar com o Vasco? Ele não pode ser tão ruim como dizem.

Também o Gato do Mato tenta contemplar aquilo em que ela acredita, tenta entendê-la, mudando algumas atitudes em função dela e esse testemunho transforma a

sua vida. Ela se sente acompanhada, importante. Alguém que a vê, que percebe que suas opiniões são importantes (1997, p. 230):

- Fiquei fervendo de raiva, com vontade de despejar a verdade na cara dele. Mas me contive... - a voz de Vasco aqui fica mais macia. - Me contive por tua causa... Surpresa no rosto de Clarissa. "Por tua causa". Palavras tão naturais... Pois eles não são primos, amigos, velhos companheiros? "Por tua causa". No entanto ela fica vermelha, toda perturbada. As palavras têm para ela um som estranho. São como música cariciosa que ele cantasse baixinho bem no ouvido, "Por tua causa". Clarissa olha para o casarão e tem a impressão de ver na parede caiada, estas palavras em letras maiúsculas: "Por tua causa".

Essa busca por uma identidade a partir da compreensão do outro e de si próprio e não uma adaptação a identidades pré-concebidas, e o destaque das figuras femininas sempre se contrapondo às masculinas, no sentido de afirmação como pessoa que se constrói homem e se constrói mulher, porque ninguém nasce pronto, vêm representadas por Clarissa e Vasco que ressignificam a esperança e traduzem o que mais se espera que seja o amor. Delineando um novo modo de vida para os Albuquerque, a partir de uma análise crítica da vida do clã, os dois protagonistas tomam atitudes diferenciadas e conseguem mapear sua felicidade.

No romance Clarissa, a questão da identidade se faz presente: na angústia do morador da pensão, Zezé, que está sempre tenso e pálido porque detesta fazer autópsias e está cursando Medicina (1997, p. 68); em Amaro que vive se questionando, apesar de tomar poucas atitudes; nas mulheres que vão ao cinema e tentam se identificar com o mundo de sonhos da fita; em Dudu, uma das amigas especiais de Clarissa, que lhe traz muitas informações est arrecedoras, como quando lhe contou que "uma amante é uma mulher que vive com ele, como se fossem casados... quase todos os homens têm amantes" (1997, p. 80).

Segundo Loureiro⁵ (1997, p.VII) o romance de Érico Veríssimo demonstra um gosto do autor pela descrição de ambientes, detalhes, personalidades, sempre se mostrando fiel à vida como ela é. Trata-se de uma posição realista que assegura a veracidade do cenário retratado e dos seres que nele se movimentam. Para o estudioso (1997, p. IX):

A naturalidade do relato guarda esse atributo indispensável à grande ficção de onde nasce o verdadeiro mundo das personagens: a possibilidade de, existindo como fantasia, também poder ter existido na realidade. Esse segredo do romancista é a prova da sua sensibilidade diante do assunto extremamente complexo que se escolheu - o nosso mundo banal e opaco de todas as horas, redescoberto através da perspectiva (meio lógica, meio fantástica) da adolescência. Ditando poesia em prosa, como quando descreve o apito da locomotiva, em Música ao Longe: "já-te-pego-já-te-largo" ou qualificando o cigarro de Sai Ambrosia, acocorada "em seu canto", no escuro, como um "apaga-e-acende" de vaga-lume, ou apenas proseando, Erico Verissimo continua emocionando com seu retrato de época, mais importante agora, talvez, que à época, visto que ainda não grassavam os condicionamentos culturais que transformaram todo cidadão sul-rio-grandense em gaúcho ou não-gaúcho. Como um Manual de Sobrevivência, deveria ser estudado nas escolas, para que as pessoas lembrassem que ser livre é só ser. Se a literatura é o espelho da sociedade e se a sociedade se espelha na literatura, talvez os espelhos que Erico traçou em suas obras-canções, inteiros ou estilhaçados como neste ensaio, possam ser sentidos e explicados apenas por outro grande escritor do Rio Grande do Sul, cujo centenário será comemorado em 2006, Mário Quintanaó:

Vidas

Nós vivemos num mundo de espelhos,
Mas os espelhos roubam
nossa imagem...
Quando eles se partirem
numa infinidade de estilhas
Seremos apenas pó
tapetando a paisagem.

Homens virão, porém,
de algum mundo selvagem
E, com estes brilhantes destroços
de vidro,
Nossas mulheres se adornarão,
seus filhos
Inventarão um jogo
com o que sobrar dos ossos.

E não posso terminar a visão
Porque ainda não terminou o soneto
E o tempo é uma tela
que precisa ser tecida...

Mas quem foi que tomou agora
o fio da minha vida?
Que outro lábio canta,
com a minha voz perdida,
Nossa eterna primeira canção?

Encerro minha análise, consciente de que o objeto é muito maior do que o pesquisador, de que uma obra literária é plurissignificativa, permitindo diferentes interpretações, portanto, e que eu, daqui a um certo tempo, também serei outra, podendo voltar a ele e redescobri-lo com olhares de comoção e "pálida de espanto".

Notas

- 1 - VERÍSSIMO, Erico. Clarissa.-51 ed.-São Paulo: Globo:1997.
- 2 - Música ao longe. Erico Verissimo; prefácio do autor. - 39.ed. – São Paulo: Globo, 1977.
- 3 - VIEIRA, Juçara Maria Dutra. BOSCHI, Marina Brito. Gaúcho: espaço & Argumento: ARTEXTO, 1986.
- 4 - GOLIN, Tau. Identidade: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo: Clio, Méritos, 2004.
- 5 - Releitura de Clarissa. Flávio Loureiro Chaves In VERÍSSIMO, Erico. Clarissa.-51 ed.-São Paulo: Cloblo:1997. p. VII.
- 6 - Quintana, Mário. In Prosa e Verso. SP: Globo, 1989.

(Ana Carolina Martins da Silva é professora de Língua Portuguesa e Literatura no NEEJA/ Passo Fundo, UERCS/Erechim/Vacaria / Veranópolis. Membro da Academia Passo- Fundense de Letras, cadeira nº 17, de Ernani Cuaragna Fornari.)

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Data : 30/11/2004

Título : Num barco descendo o rio...

Categoria: Poesia

Descrição: Morreu o poeta! Gritam os alunos da escolinha. Morreu o poeta! Gritam os músicos, os grilos e os sapos da

Num barco descendo o rio...

Para Apparício Silva Rillo

Morreu o poeta! Gritam os alunos da escolinha.

Morreu o poeta! Gritam os músicos, os grilos e os sapos da

cidade.

Morreu o poeta! Sussuram as avós.

.....! Silenciam seus livros nas estantes.

Não na minha.

Vou à janela. Abro um deles, leio um poema em voz alta.

Ninguém sabe de nada.

Nem o rio Uruguai, água dourada,

que entoa uma triste melodia,

enquanto se esvai, se expatria água abaixo.

- Morto o poeta.

Canta o rio

e se se embriaga com o fio de sol

que se estende.

O remo bate na água, desmente:

-Não.

- O fim cortou a alma do poeta.

Murmura o rio.

-Não!

-Há frio. Morta a alma.

-Não.

-Morreu o poeta! Grita o rio, na curva como um anzol.

-Não. Diz o remo, convicto - Não.

E toma um rumo diferente

do poente,

sabendo mais coisas do que todo mundo.

pois olha por cima e

por baixo da corrente,

sempre,

como o poeta,

embarcado.

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 10/01/2012

Título : O caminho do desespero

Categoria: Poesia

Descrição: O brilho da lua continua Acima da noite escura.

O caminho do desespero

Ana Carolina

O brilho da lua continua

A insegurança da falta de trabalho

A angústia da exclusão continua

Tudo é silêncio.

Um silêncio que habita o e-mail.

Dentro do mar.

Sou um silêncio que grita e dança

Da esperança

Eu não sei por que tanta confusão,

Se o que sou não importa.

Como os bichos

As Corujas

Como o bicho pau.

É preciso aprender a ser sem transparecer.

eu não sei ser isso o tempo todo.

Eu me bato nas coisas.

Quando eu fico presa!

Coisas que quebram.

Com as janelas fechadas e sem vento
E vejo tudo.
Eu não queria ver tudo, mas eu vejo tudo.
Então meus olhos ficam pesados.
De tanto, tudo que vejo.
Mas eu os ve

Data : 30/04/2004

Título : Onde estão os artistas excluídos da grande mídia?

Categoria: Artigos

Descrição: Grandes artistas, grandes ideais, talvez excluídos da grande mídia, mas profundamente inseridos num processo com objetivos mais importantes do que apenas serem notados,..

Onde estão os artistas excluídos da grande mídia?

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

A força da comunicação social tem criado mitos, salvado vidas, criado confusão. Quem desconhece o poder de divulgação da arte que a TV possui, o rádio, as revistas especializadas? Poucos. Sabemos que a mídia descreve a história de acordo com os olhos que a comandam. Porém, onde está a arte que não é divulgada na grande imprensa, nos grandes eventos literários - no caso da literatura? Deixou de existir? Não. Os artistas que ficam fora dos circuitos comerciais continuam a produzir seus livros, seus encontros. No Rio Grande do Sul, possuímos uma série de Casas de Poeta, Academias de Letras, entre outras agremiações, que valorizam os artistas de cada local, dando vazão a sua forma de expressão e as suas pesquisas.

Passo a comentar três casos específicos: A CAPOSM - Casa do Poeta de Santa Maria -, o Jornal Letras Santiaguenses e o Proyecto Cultural Sur (este com dimensão internacional).

A CAPOSM é o resultado do trabalho de uma série de artistas de Santa Maria que, integrados no mais puro espírito literário, se encontram semanalmente para trocar idéias, poemas e companhia. Dessa companhia poética, resultaram antologias e movimentos concretos, como no caso do "Cesto de Poemas". Na Feira do Livro de Santa Maria/2003, o grupo manteve um canto da praça repleto de poemas. As pessoas passavam por lá,

conversavam com os poetas e adquiriam um poema autografado, pela quantia de dinheiro de que quisessem dispor. O dinheiro era utilizado para novas cópias de novos poemas. Assim, durante toda a feira, a Casa do Poeta manteve aquecidas as almas na praça.

Segundo Rodrigues, presidente da CAPOSM, a Casa está sempre tão cheia de entusiasmo, com seus associados produzindo, discutindo, vivendo a sua produção, que cabe citar Tolstoi: "Pode-se viver no mundo uma vida magnífica, quando se sabe trabalhar e amar, trabalhar pelo que se ama e amar aquilo em que se trabalha".

A CAPOSM, bem como a Casa do Poeta Santanense - CAPOSAN -, de Sant Ana do Livramento, que também efetua um movimento literário de força, incluindo artistas uruguaios, são a prova de que é possível ser artista, estar no convívio da poesia, levando este sentimento para as pessoas, trocando, sem estar especificamente na grande mídia. Vale a pena conferir as antologias: Confraria (in)verso: antologia em prosa e verso, organizada pelo poeta Ubirajara Rodrigues e publicada em 2003; e CAPOSAN 2002: contos, crônicas e poesias, organizada pela Casa do Poeta Santanense, publicada em 2002.

Letras Santiaguenses - 1996/2004 oito anos escrevendo cultura! Para quem faz parte da busca incessante de verbas para publicar livros, jornais de cunho literário, saber de uma iniciativa que comemora seus 8 anos de existência é realmente uma festa. O responsável por esse sucesso é o professor, escritor e poeta, Auri Antônio Sudati, de Santiago/RS. Cooperativado, o jornal foi fundado em 25 de janeiro de 1996 e traz poemas, contos, crônicas, de diversas partes do Brasil, como também autores de Cuba, da Espanha, da Itália, da Argentina e de outros países. Os textos são acompanhados do nome e endereço de seus autores, o que facilita o intercâmbio e o diálogo. A distribuição ao público é gratuita, o que desarticula aquele adágio popular de que literatura não vende. Realmente, no caso de Letras Santiaguenses, não se vende. A literatura é distribuída fartamente, em todos os lugares. Quem quiser conhecer melhor esse projeto, pode entrar em contato com o Sr. Auri (aurisudati@aol.com). Para ele: "Se o nosso jornal literário está de parabéns pelo 8º aniversário, estão de parabéns também todos os autores que têm participado conosco e que valorizam Letras Santiaguenses".

O Proyecto Cultural SUR já tem mais de 10 anos de atuação e integra artistas de todo o mundo, das mais diversas manifestações artísticas, publicando antologias em diversas línguas e efetuando encontros e eventos internacionais. Eu, particularmente, estou inserida nele, em convivência recente, desde de 2000.

O SUR é uma rede internacional de trabalho cultural, onde os artistas são unidos principalmente por suas diferenças. Segundo Tito Alvarado, presidente internacional do PCSUR (Proyecto Cultural SUR [http:// www.pc-sur.org](http://www.pc-sur.org)): "Proyecto Cultural SUR es un espacio de autosugestión cooperativa, para la expresión de los escritores y artistas cuyos objetivos estén en correspondencia con la idea de apelar a la identidad, a la esencia del ser, a ese cúmulo de valores y experiencias que nos hace ser lo que somos. Apelamos a ella para la comprensión del fenómeno de las artes, la literatura y la actividad creativa en general. Mantener una cultura es conservar una identidad. Es mantener el derecho a la diferencia".

Faço questão de divulgar essas agremiações, porque não se trata apenas de dar a conhecer sua arte, mas de mostrar um caminho possível para o autoconhecimento. A convivência com esses seres iluminados fez-me navegar em direção de minha identidade. A integração entre as diferenças, da qual Tito faz menção, fez-me ver de forma mais completa o que sou. Gosto de ser professora, gosto de escrever teoria sobre tudo, gosto de trabalhar com o teatro de bonecos, gosto de fazer poesias, contos, crônicas. Gosto de fazer murais nas paredes! Gosto disto, sou isto, é minha identidade - sou artista, afinal.

Alvarado, ao explicar sobre o PC-SUR, diz que atende: "La necesidad de conservar y transmitir nuestros valores esenciales, salvarlos en la continuidad de un mundo en constante cambio, que busca estandarizar los gustos, globalizar mercados y hacer desaparecer rasgos culturales distintivos, anular la capacidad de discernir y hasta barrer la magia de estremecerse ante un hecho profundamente humano" .

Essa capacidade de sermos fundamente humanos, aparentemente tão natural, está cada vez mais rara. Se não ficarmos atentos às transformações que o ser humano tem efetuado no corpo da natureza: barragens, desmatamento, poluição do espaço com lixo tóxico, rompimento da camada de ozônio, produção de organismos vivos geneticamente modificados - os famosos transgênicos- acabaremos acreditando que todo este processo anti-vida é a soma de fatos normais, assim como parece ser natural não contar certas coisas, não apresentar certos artistas à sociedade, porque não fazem parte da elite, porque não estão sintonizados com o dito mundo civilizado.

Esses artistas marginais, que não estão corrompidos pelas exigências do mercado, são os pára-raios da arte. Assim como os chamados "radicais ecológicos" são o pára-raio da humanidade, são o seu "grilo falante" e não "bicho-grilo", como muitos (n)os chamam. A arte marginal está para a vida cultural como a fala marginal está para a polidez da falsidade ideológica. Essa arte, entretanto, não é apenas uma coisa abstrata, é o cerne das pessoas que a produzem, e essas pessoas precisam saber onde estão aquelas outras, que são parecidas com elas, não na mesmice, e sim, no questionamento. A verdade, bem sabemos, é um lugar muito solitário. A arte é a verdade compartilhada.

Nesse clima de comunhão, o Proyecto atende todas as manifestações culturais, tais como: literatura, artes plásticas, informação, teatro, mímica (posso citar nosso querido e maravilhoso Jiddu Saldanha como representante dos mímicos), danças folclóricas, entre outras. Ele gera recursos próprios para sua difusão, constituindo-se num projeto independente. Para o presidente internacional, que reside em Montreal, Canadá: "Se nos ofrece un mundo sin alternativas, como única respuesta proponemos asumir juntos la defensa de lo que nos distingue, la defensa de nuestra identidad, para contribuir creadoramente a la modificación constante dei mundo que nos rodea. Nos pronunciamos por dignificar la vida dei hombre, fundar un suefio, alumbrarlo y defenderia".

No Brasil, o Proyecto é coordenado pelo escritor Ademir Bacca, de Bento Gonçalves, que efetua, a cada outubro, um grande encontro de todas as linguagens do SUR, naquela cidade. Estar em contato com pessoas desse grupo em Bento Gonçalves, participar de seus debates pelo correio eletrônico (e-mail), saber que existem, vê-los lutar pela cultura em Cuba, no Canadá, na Argentina, na Espanha, no México, em Portugal, no Brasil (Piauí, Brasília, Rio Grande do Sul), enfim, por onde se estende o abraço caloroso do Proyecto Cultural Sur, fez-me sentir acompanhada.

Em dezembro de 2003, participei de mais uma antologia do PCSUR, a Antologia em Prosa, organizada por Rosa Maria Brito Cosenza de Oliveira, Coordenadora Nacional de Literatura do Proyecto. Essa artista é natural de Ribeirão Preto-SP, participa de diversas associações de arte, é diretora cultural da Associação Brasil/Grécia. É professora, pedagoga e advogada. A capa da Antologia foi feita por Paulo Renato Rodrigues, numa interferência digital sobre a obra Hermafrodite Adormecida. A arte digital é uma das presenças marcantes do Proyecto (<http://digitalart.poa.zaz.com.br>).

Finalizando, posso não ter dado a resposta definitiva à pergunta que fiz - Onde estão os artistas excluídos da grande mídia? - mas, garanto, esses exemplos que citei guardam um tesouro muito precioso. Grandes artistas, grandes ideais, talvez excluídos da grande mídia, mas profundamente inseridos num processo com objetivos mais importantes do

que apenas serem notados, como bem salienta Tito: "Unir a los amigos de la diferencia, amigos de sanar mundos posibles, amigos de solidarizamos con el dolor dei otro, amigos de la mayor aventura que pueda tener un ser humano don-de quiera que este, en el norte o en el sur: preservar su identidad cultural".

(Ana Carolina Martins da Silva é membro da APL - Cadeira nº 17 de Ernani Guaragna Fornari .)

da revista

Água da Fonte nº 1

Data : 31/05/2011

Título : Os que se importam

Categoria: Poesia

Descrição: Eu sou uma das que se importa, Saramago. Eu sou uma das que ficou só.

Os que se importam

Eu sou uma das que se importa, Saramago.

Eu sou uma das que ficou só.

Quando você estava,

você estava em pé

falando

construindo

desconstruindo

sempre

entre nós

os que ficam sempre sós.

Agora que você
vai virar cinza
eu quero que saiba que eu me importo
que eu estou meio vazia
e que aquela segurança de que alguém iria dizer alguma
coisa importante
definitiva
está cada vez mais tênue
porque há cada vez menos gente que se importa.

José Saramago
esse seu amor pelo amor
esse seu amor pela vida
e por todos nós que sofremos
e que não temos ninguém
na hora da dor
fez casa em mim
uma casa que agora vai ficar
assim
só na saudade.

Você, cinzas.
Suas palavras, brasas.

Eu?

Assopro.
Assopro.
Assopro, porque me importo.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 31/12/2003

Título : Piedade

Categoria: Poesia

Descrição: Piedade ... ponte ou muralha. Peça piedade

Piedade

Piedade ... ponte ou muralha.

Peço piedade

Como quem pede socorro - milagre.

Peço piedade

como se do céu descesse a cura

Dos males.

Quero tanto crer -

tanto crer - que creio.

Quero tanto ver - que vejo.

Espero. Creio. Vejo.

Peço que a piedade

torne o homem

Inteiro-

Mente e coração.

Homem e meio - pé e mão

Homens -lado a lado-

Multiplicados

Em liberdade e construção.

Não peço piedade

como solução - como muralha

de lamentação.

Peço piedade
como ponte para a transformação.
Quero vida. Na sua plenitude.
E vida tem de ser vida
para todos,
Se não ...

Da revista
Água da Fonte nº 0

Data : 30/11/2004

Título : Poema para um amor reencontrado

Categoria: Poesia

Descrição: Meu amor, escrevo este poema para ti, Porque ontem

Poema para um amor reencontrado

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

Meu amor, escrevo este poema para ti,
Porque ontem
Te reencontrei.
Meu amor, te reencontrei
com uma angústia que ninguém pode imaginar,
Pois te reencontrei para nunca mais.
No passado, na tua presença,
Este amor
- Que agora tenho claro -

Nem era sonhado, talvez nem fosse real.
Eu não o sabia. Tampouco eu sabia sobre o amor.
Juro.
No passado, quando dos teus olhos de mar do nordeste,
Quando de tuas mãos repletas de poemas e paz
A ternura aflorava e eu a sentia
No fundo do meu coração,
Meu amor,
Eu nem suspeitava que o fosse.

Era um sentimento bom que havia.
Um grande respeito,
Uma saudade, uma confiança.
Mas, amor como este, que me tirou o fôlego, ontem,
Quando de repente te redescobri,
Não percebi existir - será que tu...

Ontem, era de tarde - e era tarde demais.
Eu lia tuas coisas, ouvia tuas palavras declamadas,
Súbito, uma fotografia perdida.
Teu sorriso, teu olhar, tua companhia,
Me subiram à garganta com grito
(Logo escondido).
Era amor!
O que eu sentia era amor.
Por isso falaram que era, na ocasião.
Porque os mais antigos sabem reconhecer o amor.

Eu, não.

Ah, ririam se me visses agora, também estou antiga.
Meus cabelos estão quase todos brancos.
Não estavam na última vez que nos vimos para nunca mais.
Naquele tempo, sim, naquele tempo,
Eu achava que não envelheceria nunca

E que te tornaria a encontrar.

Meu amor adorado.

Teu nome sagrado fica em silêncio dentro de minha dor.

Teu corpo morto, honrado,

em bronze guardado como história.

Estampado - como insígnia de afeição.

Mas este amor, que passeia entre as nuvens brancas

e longas de tua lembrança,

de tua presença física é obrigado a abrir mão,

da tua alma,

não.

Da Revista

Água da Fonte nº 2